

Regulamentar?

J. Roberto Whitaker *Penteado*

“Regulamentar” significa por as pessoas sob controle. - Diderot

Semana passada estive em Brasília. Calma, gente, nada a ver com as CPIs ou os mensalões ou o valerioduto, etc. Algo ao mesmo tempo mais prosaico e mais cívico: convidaram-me para representar a ESPM numa reunião da Comissão de Educação do Senado, que analisa um projeto de lei do senador Leonel Pavan (PSDB-SC) com o objetivo de regulamentar a profissão de publicitário.

Fazia tempo que não entrava no nosso Senado. Fora uma vez lá com o Alex Periscinoto, para dizer alguma coisa sobre propaganda, mas não me lembro o quê. Fiquei bem impressionado; o lugar é limpo, arrumado e dá a impressão de que as pessoas estão fazendo coisas importantes. Talvez - no próximo governo - valha novas visitas.

Sendo o senador oriundo do ensino particular no estado de Santa Catarina, desconfio que foi o meu grande amigo Eloy Simões que pôs, na sua cabeça, a idéia de regulamentar a nossa profissão – ia escrever “antes que ela acabe”.

Mas é essa a sensação que tive. Será que tem sentido regulamentar uma profissão que está, de fato, acabando? Ou, pelo menos, acabando como nós a conhecemos – um dia – como naquele título maroto de um livro escrito pelo Sergio Zymann, ex-marketing da Coca-Cola.

lei do senador catarinense pretende regulamentar uma outra lei sobre propaganda – esta famosa: a de número 4680, que foi promulgada em junho de 1965 (!) pelo presidente Castello Branco. A releitura desse documento – que teve a participação das nossas lideranças da época, gente boa como Caio Domingues e o nosso Castelo Branco, além de outros – até surpreende, no bom sentido. A definição da atividade, por exemplo, é modelar e pode ser usada até hoje, nas escolas. Havia uma grande preocupação de proteger a atividade de Corretor de Anúncios, hoje praticamente extinta. E estabelecia que “publicitário” podia ser todo cidadão que tivesse o certificado de “um curso de propaganda”. Pudera. A ESPM ainda era Escola de Propaganda de São Paulo – e só seria autorizada a funcionar como faculdade 10 anos mais tarde. A atividade concentrava-se totalmente no tripê Agências-Veículos-Anunciantes.

Com todo respeito ao Eloy – e a outros companheiros e alunos das escolas de comunicação social, habilitação propaganda – não posso deixar de perguntar: será que vale a pena? Em 1965, as agências eram o grande mercado de trabalho para uma profissão considerada nova e até divertida. Hoje, todas as agências do país não chegam a absorver 20% dos alunos que cursam a ESPM; certamente menos, nas outras escolas. Os outros formados não ficam desempregados: vão trabalhar em mais de uma centena de novos negócios surgidos nos últimos 30 anos, como construção de sites e organização de eventos – além das quase 5 milhões de empresas brasileiras que precisam de especialistas em comunicação publicitária – ou no governo, nas ONGs, nas igrejas e nos clubes esportivos...

Regulamentar a profissão talvez tivesse sido uma boa idéia – em 1965. Hoje, definitivamente, parece ser uma completa perda de tempo: para o senado e para o país.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Regulamentar? **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=195&ID=323>>. Acesso em: 17 ago. 2009.